

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjuncta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA			
Anno.....	4\$800	Anno.....	8\$000
Semestre.....	2\$400	Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	1\$200	Trimestre.....	2\$000
		Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: A ACTRIZ ZULMIRA RAMOS (Cliche da phot. Fernandes) Texto: O SETIMO CEU CARIOCA, 17 illustr. ♦ SICILIA, 22 illustr. ♦ O NOVO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS, 2 illustr. ♦ NO SALÃO DA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA, UMA SESSÃO DE MUSICA, 7 illustr. ♦ A OBRA DE SILVA PORTO, 15 illustr. ♦ A EXPOSIÇÃO ANNUAL DA ESCOLA DE BELLAS ARTES, 11 illustr. ♦ FIGURAS E FACTOS, 10 illustr. ♦ O CHÁ DAS CINCO, 6 illustr. ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Vos Sois Baixo de Mais?



Se sois de estatura baixa haveis de apreciar a posição desagradavel e humilhante do homensinho baixinho na gravura acima. Mas talvez não sabeis que ja não é preciso que continuéis sendo baixinho e incomfortavel.

A Companhia Cartilagem, de Paris, França possui um methodo pelo qual vos sera possível augmentar a vossa estatura de 2 a 3 polegadas, ou seja de 5 a 7 1/2 c/m. Chama-se "o sistema da cartilagem" porque é baseado sobre um methodo scientifico e physiologico de dar maior expansão á cartilagem, todo o qual se acha clara e detalhadamente explicado no opusculo intitulado "Como crescer mais alto" que pode ser vosso contra pedido.

O systema da Cartilagem fortalece todo o systema do corpo d'uma forma harmoniosa. Não só augmenta a altura, mas o seu uso faz bem á saude, dá mais força nervosa, augmenta o desenvolvimento do corpo e prolonga a vida. O seu uso não necessita drogas, tratamentos interiores, operações. trabalho arduo ou grande despesa. A vossa estatura poderá augmentar-se não importa qual for a vossa idade ou sexo, e isto poderá effectuar-se em vossa casa sem que ninguém mais o saiba. Este methodo novo e original de augmentar a estatura tem sido approvado pelos medicos e instructores de desenvolvimento physico. Se desejeis augmentar a vossa estatura de modo a poderdes ver o que se passe quando esteis rodeado de gente, ou se desejeis poder andar sem vos sentir acanhado com pessoas que são mais altas, e gozar das outras vantagens d'uma estatura regular, deveis escrever immediatamente a pedir uma copia do nosso opusculo gratuito intitulado "Como Crescer mais alto". Ensinar vos ha como poderdes obter estes resultados em pouco tempo, d'uma forma segura e permanente. Nada se tem deixado por explicar. Depois de o terdes lido o que vos admirara mais sera "Como é que ninguém pensou em isto antes!" Escrevei hoje mesmo á

The CARTILAGE COMPANY
Dep^{to} 1.518 7, avenue de l'Opéra, Paris.
O porte das cartas para Paris e de 50 reis, os bilhetes postaes sao de 20 reis.

NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, Bd DES ITALIENS, PARIS

PRINCIA

J. CASTELLO BRANCO

Bicycletas



Marca inglesa, as mais solidas e elegantes desde 22\$500 rs. Bicycletas Simplex, Humber, B. S. A. ultimos modelos. Bicycletas inglesas Radford, modelo especialmente feito para a nossa casa, muito solidas, propria para auelei, com quadro reforçado, aros nickelados, roda livre, guarda lamas e 2 travões, preço 32\$000 reis. Enorme sortimento de accesorios taes como protectores Continental, Dunlop, Conventry, Camaras d'ar, Businas, Lanternas, Rodas livres, etc., etc., tudo a preços baratissimos. GRANDE DEPOSITO das melhores machinas falantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas collecções. Casa SIMPLEX Bicycletas, Discos e Machinas falantes. J. CASTELLO BRANCO, Rua do Soccorro, 48 e Rua de Santo António, 32 e 34 - LISBOA.



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente. GASTRALGIAS, DYSPESIAS.

A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil. Ph^a macie MIALHE, 8, rue Favart Paris

PARFUM
POMPEIA



L.T.PIVER
PARIS

Agencia de Viagens



R. Bella da Rainha, 8-LISBOA

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminho de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na Franca, Italia, Suissa, Alemanha, Austria, etc., etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de RECREIO no Mediterraneo e ao Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hoteis.

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

O SETIMO CEU CARIOCA



27 outubro.

Das tantas multidões com que me tenho misturado nenhuma mais confusa e variegada do que esta! Se eu a disser inca-

racteristica mintro porque já na ex-
quisita mescla um vinco de caracter
se lhe encontra.

E desde o mulato dos jornaes, de olhos meigos, saltitante, esfarrapado, gritador, até ao mais impen-
nente e estadeante luxo de mulher gorda, tudo faz
lambris no corredor a um tempo activo e ocioso
da rua do Ouvidor, *lambris* que se continúa todo
igual pela scenographia monumental da nova Ave-
nida.

E eis que encontro já um dos singelos motivos
porque não ha para mim commoção de
monta no contraste entre o Rio Velho e
o Rio Novo, quando me esgueiro, encos-



1—Moço dos jornaes: Typo característico do Rio de Janeiro
2—Trecho da rua da Carioca: Uma das ruas principais do Rio de Janeiro
(Clichê de DR. A. MALTA)



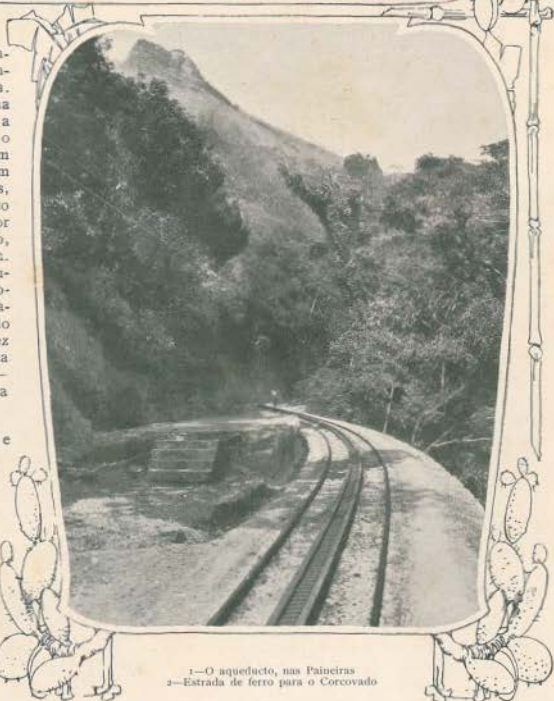
todo a esse mesmo fundo de gente, do tubo de funil d'uma rua antiga ao desagadouro da Avenida.

E' que a vista se me diverte na mesma tira de gente, onde, entre a maioria branca e cosmopolita, o mulato e o caboclo abundam com a sua côr d'um leve tostado e um certo cunho d'energia n'alguns, moleza n'outros, mas um começo da altivez orgulhosa do vencedor que em muitos, de typo meudo, lembra o japonês... mais homem.

Não se procure em dia de labuta o brasileiro que o portuguez conhece ou imagina conhecer, o característico portuguez abrazilizado das quintas minhotas. Será talvez porque esse capitalista está em via de reforma—e não sem tempo já—ou no seu escriptorio, ou na sua chacara.

E agora n'este fim de outub portanto n'esta primavera bruto e zileira um typo ainda surge, repetido, e que salpica de quando em quando o movimento, como pingos de cal uma calçada: o da mulata, e pouco importa a côr porque as ha com toda a infinita gradação dos castanhos.

Talvez eu d'ella já tenha falado, mas deixem que aqui aprimore o esboço feito. Veste de claro; a saia andadeira, curta e rente ás ancas; sapato ou bota branca e meia preta. O bordado de leite do corpete



1—O aqueducto, nas Paineiras
2—Estrada de ferro para o Corcovado

muito recortadinho no fundo café e unidíssimo da pelle; a cabeça descoberta com seus pentes d'ornatos e um facinho preto ou de côr viva no riso dos cabellos de azevi- che ou no corredio caboclo das mais alvas. Por vezes entre os dois rijos



jambo, nome do fructo que d'ella tem a côr... e o aroma!

E da chusma babelica ainda ha que destacar a adollescente branca, que tem amiudo a pujança de um sumarento pomo. Mal aflora nos doze ou treze annos, logo resvala á crise do fructo sazornado, e já o collo é de corsa e entra-lhe o busto forte a pedir beijos!

E é a final d'essa inebriante creança —bem se vê—que depois rompe—se desaproveitada foi na justa idade em que um simples movimento separaria da arvore o fructo feito—a senhora sempre gorda e



Padeiros

peitos aggressivos, alastra e chama a vista o pingo-de sangue d'um cravito vermelho.

Em muitas a côr é de difficil classificação.

Por mais desbotado que um castanho se supponha não afina com elle. São essas as que tem os olhos mais ciganos e meneios dengosos de bailadeiras andaluzas. A este excitante typo acreolado dizem-no mulato, e não o é, mas com isso envaidecem as mais fechadas, quando á sua côr escurissima lisongeam tratando-a de mulata! Chama-mhe morena.

sempre carissimamente—então aqui!...—encardernada (é da gíria fluminense) senhora gorda que é quasi sempre loura ou alourada, enche os dedos papudos de brilhantes e rasga e afeia com sujo bistre os olhos sempre lindos.

Mas, por entre esta matisada turba, em que o typo portuguez vae desbotando, porque se amacillenta e esmaece, eu não me sinto estranho. E' gente que conheço! Porque? D'onde?

Provirá a illusão do scenario da casaria antiga, tão pombalina, tão D. João VI. Será que já aqui vivi... em avós meus?

Comtudo, não me sentindo estranho, receio que ao falar a minha lingua não seja comprehendido, e quando desço do meu distrahido pairar habitual, se ouço ao pé de mim falar portuguez, todo eu estremeço, n'um pulo do meu coração nostalgico, como se entre estrangeiros, n'um estrangeiro arredado, um patricio meu, surdisse, raro, a amaciar as minhas grandes saudades!



Vendedor de amendoim

Novembro 31

Ha cerca de seculo e meio o conde de Bobadella. Gomes Freire de Andrade, ordenou em investidura administrativa que um refrigerio do céu, corresse bem canalizado, á infusa dos muleques fluminenses. Fez captar as aguas do rio Carioca, encalhou cachoeiros cantantes e por um aqueducto de nove mil metros levou a *desalterante lympa* a dezeseis bicas emergindo d'um paredão de granito em plena cidade.

Ao chafariz chamou-se chafariz da Carioca. Carioca foi o largo para onde o chafariz brotou e dessedenta.

Cariocas foram as almas que o chafariz dessedentou e dessedenta.

As almas, porém, vinte mil, ha duzentos e cincoenta annos, são hoje oitocentas mil e todas de boccas sequiosas.

venaria, que marca, na sua ponte de ararias em pleno bairro da Lapa, o monumento de maior monta dos tempos coloniaes — aqueducto D. João V como o das Aguas Livres — hoje melhor canalizada e escondida na sua parte terminal a agua que elle guiava, segue se-lhe o rasto e rente aos seus destroços por entre maravilhas de paneramas, n'uma subida lenta, suavissima, subida que ali-geira o espirito e des-



Baleiro, vendedor de balas (rebuçados)

Kaa-ry-og!

E' d'esta pittoresca phrase que significa *caça da corrente do matto* que deriva na opinião do etymologista brasileiro dr. Baptista Caetano a palavra Carioca.

Ora essa corrente do matto, vem do Céu!

materialisa o pensar, caminha-se á origem d'esse regato de crystal, por entre verduras de seculos, gigantescas jacas, cedros, fetos, e o Céu se attinge quando passado o *Silvestre*, nas *Paineiras* — planalto que é um gigantesco poileiro de agua



Quitandeiros (vendedores de hortaliça)

E hoje, desfeito já em parte esse aqueducto de al-

— a vista mergulha na floresta bemdita, toda en-



ramada de verde finissimo, parenchimada aqui e ali de fluido gaze, e o mundo se espreita na sua pequenez grandiosa: o mar imenso em baixo como uma placa de agua faiscante n'uma bacia vidrada e a terra que a civilisação trilhou de ruas e relevou de palacios, lisa como a desbotada aguarella de uma planta topographica.

Para o Céu, meu Deus, com anjos é bom ir.

Eu trepei pela primeira vez do Silvestre ao alto das Paineiras—uma diferença enorme de nivel (204 a 405 metros) em curiosa caravana

e n'um principio de noite deliciosa. E venceram-se esses duzentos metros de altitude que um anjo de sapatos de linho (dos de quarenta mil réis o par!) teimava em querer vencer, graças a um diabo negro, mas lindo diabo, que de enxada ao hombro, e á procura dos sócos em todos os brejos (por não se lembrar onde á vinda os tinha largado) lá nos foi conduzindo atravez da floresta por entre arcarias tenebrosas, a frescura sentida das cachoeiras, o matraquear metallico dos sapos.



1—O Silvestre. 2—Botafogo, visto do Alto do Corcovado [a 700.^m acima do nivel do mar
(PHOT. DE A. MALTA)]



Entre um diabo e um anjo! Certo é que chegados ao céu, e fulminado o diabo com o sufficiente nickel logo me quedei no Paraizo, na volupia do Paraizo, desfiando o meu rosario de amoroso impenitente, a um Deus—a Natureza—que aqui é todo de amor, e no deslumbramento da mais pujante verdura que até então me envolvera. Ri, chorei, ouvi nas trevas o tumultuar da agua, o ralar das cigarras, o rustilhar das cobras. E purificado de pecados subitís no fogo d'um olhar de fogo, alli me quedei... alheado de mim... santificado! E alli me deixei ficar... dois curtos dias... té que um tilintar de telephone—oh! o telephone no Paraizo—me chamou á vida e o inferno da cidade ardente.

Prosaicamente, se é que essa ascensão é alguma vez prosaica, n'uma rapida hora de devaneio panoramico, passa-se do centro do Rio para uma soberba e fresquissima floresta, que trepa até cêrca de setecentos metros acima do nivel do mar, no cume do Corcovado.

E é este, sem duvida—com a magnificência da Avenida Beira Mar, e o Sumaré a Tijuca—o maximo encanto d'esta terra d'encantos.

O accesso é facil. Precisamente do largo de Carioca onde o chafariz despeja, um bond nos leva, sobre os arcos do aqueducto (transformado assim em viaducto) de um morro (o de Santo Antonio) a outro morro (o de Santa Thereza) e d'ahi, na phantasia d'uma ascensão, dominando trechos da cidade, trechos da bahia, chacaras de sonho, seguindo sempre



1—No restaurante do Silvestre
2—O Corcovado, visto das Paineiras



O aqueducto da Carioca, servindo de

viaducto—(Cliché de A. MALTA)

a velha calha de alvenaria da agua captada, deixa-nos a um dos lados do valle do Rio Silvestre, d'onde um pesadissimo comboy sóbe n'uma rustilhada de ferro, com arrancos de monstro esalfado, té ao planalto das Paineiras e d'ahi ao cume do Corcovado: cimo do Gigante de pedra tão falado, arremetendo n'um pendor de queda eminente o seu bloco de pedra sobre o ar.

Esse caminho de ferro que lá nos póde conduzir directamente, se em vez da travessia feito em *bond* até ao Silvestre, o tomarmos desde o começo da sua viagem no Cosme Velho, é todo de cremalheira—e trepa dos 37 metros acima do nível do mar onde a estação foi construída, até ao Pavilhão de Ferro quasi no cume da montanha, e na altura de 670 metros.

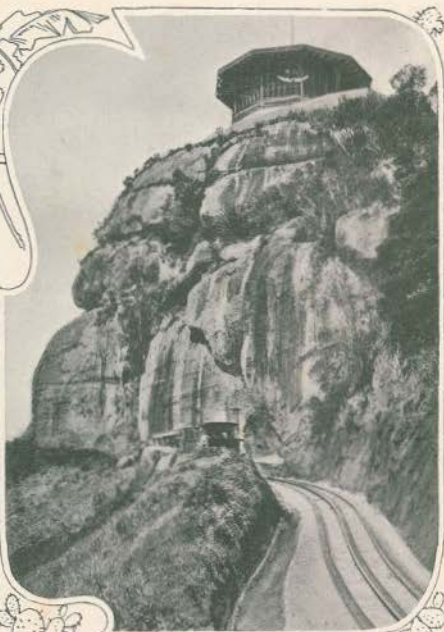


O Corcovado visto da Avenida Beira Mar,
(Cliché de A. MALTA)

Atravessa tres viaductos pittorescos. Um d'elles, o viaducto do Silvestre, tem 3 arcos de 25 metros de vão, e um peso total na sua parte metallica de 108 toneladas.

E a não ser entre um anjo e um bom demonio, de céu em céu, é por cima d'esses centos de toneladas que o setimo céu se alcança, Céu onde se dorme em cama fôfa

e amiudo entre nuvens, e o ar que se respira é imperceptivel. E se o anjo voou para a Terra — os



anjos do Céu buscam constantemente almas na Terra—é facil ouvir da Terra o anjo fallar... ao telephone.

Rio de Janeiro.

ARNALDO FONSECA.



1—No ponto mais alto do Corcovado. 2—O Pavilhão de Ferro no alto do Corcovado
3—O viaducto do Silvestre—(Cliché de A. MALTA)
(Clichés de ARNALDO FONSECA)

SICILIA



Ha sete annos que, por fins do mez de setembro, eu percorri a Sicilia, desembarcando em Palermo, dando volta á ilha, e reembarcando ao fim de tres semanas em Messina.

Vinha de Napoles. Estivera em Pozzuoli, no Cabo Miseno, em Procida, em Ischia, em Capri, em Sorrento, no Cabo Posillipo, em Portici, em Salerno, em Herculaneum e em Pompeia.

Tinha visto no incomparavel museu de Napoles os admiraveis frescos pompeianos e os supremos capolavori da escultura grega. Tinha visto na cathedral, miraculosamente descoagulado na sagrada ambula, por occasião da sua festa e sob a tumultuaria intimação dos lazaroni, o sangue de S. Gennaro. Tinha assistido em Piedigrotta ao famigerado concurso musical de tarantellas. Nas trattorias de Posillipo, em estacas sobre o mar, ao harpejo de bandidins e ao marulhar da onda por baixo do chão, haviam-me servido sobre uma camada de algas as ostras del



Fusaro e o prato de polenta, ao lado do frasco de velho gragnano, empalhado, de bojo espherico e longo gargalo esguio. Finalmente, á noite, do *rocking-chair* do meu quarto na Riviera de Chiaia, com a janella aberta sobre a magnificencia do golfo, ouvira evolarse do magnetico silencio do luar, com um preludio d'harpas, a languida melodia das barcarolas, ao mesmo tempo que, sobre o vertice do Vesuvio, como a través do lithurgico incenso de um thuribulo, a lua subia lentamente no céu, resplendente, como uma patena de ouro.

De tal sorte que, acordado, de madrugada, a bordo de um vapor ancorado no mais gracioso golfo do mar Tirreno, eu perguntava saciadamente a mim mesmo se, depois de vêr Napoles, não seria melhor morrer, como

1.—A cidade de Napoles. Vista tirada do tumulto de Virgilio
2.—Fannee Baccho, grupo do Museu de Napoles



são perpendiculares. Na claridade crepuscular principiam a fume-gar chaminés de fabricas. E do interior d'essa velha terra, ou-tr'ora estrondante, onde os cyclopes, a golpes de malho, fabrica-vam os raios de Jupiter nas bigornas de Vulcano, vem alegre e hos-pitalmente para mim a canção da alvorada entoada pelos ga-los de Palermo, *la felice*.

Ao terminar a minha excursão, em Messina, e reatando o pensa-mento ao dia da minha chegada a Palermo, eu concluia que, ainda para quem vem de Nápoles e para quem percorreu toda a demais terra italiana — Roma, Florença, Milão, Veneza, Verona, Pisa, Pa-dua, Orvieto, Perugia, Assis, Sienna, com todo o seu sortilegio d'arte e todo o seu evocativo poder de poesia, de tradição e de historia, o especial, o insular encanto da Sicilia ultrapassa tudo na conquista do espirito.

Roma é monumentalmente o templo e o baluarte latino. A Sicilia é a synthese estratificada de todas as raças e de todas as civiliza-ções, que o maravilhoso poder civilizador de Roma fundiu e lati-nisou.

Quem foram os aborígenes occupadores da ilha antes do esta-belecimento das primeiras colonias gregas e das primeiras feitorias phenicias? Quem eram ethnographicamente esses mysteriosos *Sikeles* de que fala a *Odysséa*?

A resposta scientifica a este quesito principiou a dal-a no de-

diz o rifão, do que continuar alongando distancias, como Ulysses n'aquellas mesmas pa-ragens, em demanda da Ithaca ideal, fugidia visão dos dolori-dos sonhos de cada um!

Mas, á vista dos meus olhos, as cumiadas do aspero e escal-vado monte Pellegrino come-çam a tingir-se de côr de rosa como sob uma caricia da auro-ra. Ainda no céu, o desmaiado disco de uma lua côr de opala. Em frente de mim, ao centro da dôce planície — *la conca d'oro* — cingida em semicirculo violaceo por um amoroso abra-ço de montanhas, a capital da Sicilia desperta como n'um bo-cejo de vida.

Os candieiros publicos, ain-da acesos, salpicam de peque-nos pontos vermelhos os caes e algumas das ruas que lhes



1—Venus Callipygia, do Museu de Nápoles
2—Interior da igreja della Martorana, em Palermo

correr do século XIX a methodica escavação das necropoles da mais remota antiguidade e dos povoaamentos neolithicos e preneolithicos da região. Foram os archeologos principe de Scalca, Saverio Cavallari e Antonino Salinas os que iniciaram estes estudos. E' ao trabalho de Paolo Orsi, ainda hoje — creio eu — glorioso conservador do admiravel museu de Siracusa, que de 1891 até agora se deve a exposição *systematica* de *provas* documentaes, irrecusaveis e definitivas, desvendando pela geologia e pela anthropologia o enigma por tantos mil annos indecifrado.

Os *Sikeles* de Homero, ou os Sículos (*Siculi*) como, adoptando a antiga denominação romana, lhes chama Orsi, domiciliados na Sicilia muito tempo antes do que calculara Thucydides, viviam autonomamente n'estes logares desde o terceiro millenio anterior á nossa era. A população da Sicilia, a que elles deram o nome, seria por esse tempo mais densa que a de Roma. Os sículos eram de familia latina. Falavam uma especie de latim rustico. Tinham uma conformação craneana analogá á dos sicilianos contemporaneos.

A este primitivo sedimento ethnico sobrepuzeram-se camadas formadas das mais diversas gentes. Vieram successiva-



mente Gregos, Phenícios, Carthaginezes, Romanos, Vandalos, Godos, Bysantinos, Sarracenos, Berberes, Arabes, Normandos, Francezes, Allemães, Aragonезes, Castelhanos.

D'esse tão complexo e heterogeneo amalgama de raças as influencias que mais caracteristicamente preponderam na evolução da arte siciliana são as que derivam dos elementos grego, greco-bysantino, romano, arabe e normando.

Ha vinte e sete seculos que toda a Sicilia se hellenisára. As religioes gregas propagaram-se por toda a ilha. São d'este cyclo hellenico os templos de Diana, de Minerva, de Jupiter, da Concordia, de Juno, de Proserpina, de Jupiter Olympico, de Castor e Pollux, de Vulcano, de Neapoles, cujas



1—O Adonis, do Museu de Napoles
2—O nascimento de Jesus, mosaico bysantino existente na igreja da Martorana



altivas e formidáveis ruínas ainda hoje nos prostram de assombro em Girgenti, em Selinunte, em Siracusa, em Segesto, n'essas outr'ora tão bellas e magnificentes cidades democraticas, que entre si successivamente se dilaceraram até á an-

niquilação, durante as repetidas e sangrentas guer-

ras que quasi constantemente devastaram a Sicilia até o advento do dominio romano. A esse dominio de sete seculos deveram os cecilianos trezentos annos de appetecida e imperturbavel paz. Viva demonstração historica de que é de uma rigida e honesta disciplina administrativa, mais que do liberalismo hellenico dos philosophos, do genio dos artistas e da loquacidade dos sophistas e dos frazeadores, que depende a felicidade dos estados.

O imperio romano cahiu esphacelado p-la corrupção politica, assim como cahiram as democraticas cidades gregas dissolidas pela incapacidade administrativa.

Os tyrannos, os famosos tyrannos de Siracusa, uns nefastos, outros beneficos, não são mais que as extremas, impreteriveis e fataes resultantes das successivas crises da anarchia democratica, em que o povo, abdicando o seu poder collectivo, entrega ao arbitrio supremo de prestigiosos aventureiros os destinos da liberdade e a segurança da ordem.

Pode-se dizer que Polybio vaticinou o resultado da segunda guerra punica, com a derrota e o suicidio do grande e desalentado Annibal, no dia em que escreveu:—Em Carthago é o povo que delibera, em Roma é o senado.



1—Orpheu e Eurydice, baixo relevo, do Museu de Napoles
2—Piedigrotta, em Napoles

Os templos greco-sicilianos, a que acabo de referir-me, são todos dóricos, em pedra calcária extremamente porosa. Eram originariamente revestidos de estuque polychromado, de que são evidentes os vestígios nas ruínas de Segesto e de Selinunte. Em Agrigenti, o templo chamado dos gigantes (*ou a gigantum*) ostenta as mais colossaes colunas que se conhecem. Em cada canelura dos fustes diz com inteira verdade Diodoro que cabia um homem. O diâmetro de cada capitel tem a espantosa dimensão de 4^m,80. Dos oito atlantes, provavelmente destinados a sustentar ou a fingir sustentar o tecto interior da cella, conserva-se reconstruído um, cuja altura é de 7^m,08. A estatua destroncada d'este semi-deus jaz no chão junto do templo derrocado. E' tremendo esse grandioso cadaver lapidario, parecendo symbolisar o de todo um povo despedaçado pelo fratricídio das guerras. Selinunte foi arrasado por Segesto, o qual, por sua vez, cahia um anno apenas depois de Selinunte. E, pouco mais ou menos assim, em todas essas mara-

vilhozas acropoles derruidas no solo devastado, tendo afogado em sangue de successivos vencidos, porticos, capiteis, architraves, triglyphos e metopes, as mais finas obras, a mais perfeita e definitiva expressão de belleza que jámais realisou o genio.

Outra das monumentaes riquezas archeologicas da Sicilia são os seus theatros, entre os quaes o de Siracusa e o de Taormina.

Taormina, a 50 kilometros, uma hora, de Messina, deu-me a sensação, profunda e intraduzivel, da mais doce, mais insinuante, mais envolvente maravilha da natureza. O theatro é o primeiro do mundo. O de Orange dizem os francezes ser o segundo.

O architecto grego considerava-se pelo seu officio um collaborador da natureza e seu continuador. O relevo do solo era a base integrante da obra que o edificio se destinava a deenvolver e a coroar. a acropole, o templo, o gymnasio, o theatro são estheticamente inseparaveis do lugar em que o artista os collocou.

O theatro de Taormina, enorme, podendo conter mais de quarenta mil espectadores, modificado na sua structura pelos romanos, levemente reparado no seculo XVIII, occupa o cimo da montanha escarpada do mesmo nome sobre o



Os restos do templo de Castor e Pollux em Girgenti

estreito de Mes-
sina.

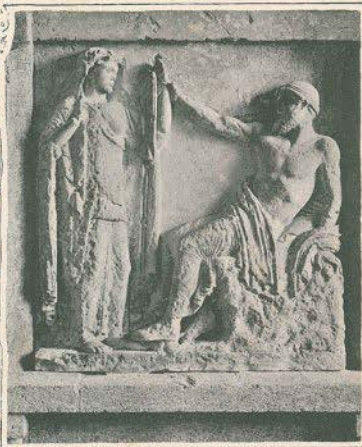
O panorama que dos diferentes pontos do edificio se abrange é de um esplendor que desisto de descrever. Que vale a derrevolvenda designação dos logares para quem não viu esse conjunto de que sobresaem a Etna na sua mais alta zona—a *regione scoperta*—formidável, phantastico, espectral, da mais estranha refulgencia, como se do vertice até a faldá do cobrisse, no meio do inundante azul, uma enorme clamyde roçagante de setim negro.

Fui, de uma vez, ás cinco horas da manhã, sentar-me no logar mais alto do hemicycleo, para ver d'ali nascer o sol do outro lado do estreito, por cima da Calabria.

Ao romper o astro de uma espessura negra de pomares, uma tenue polvilhação de luminoso ouro principiou a assignalar os mais altos relevos da paisagem ainda immersa n'uma vaga translucidez de pervincas e de violettas. São prodigiosos de variedades cambiantes os tons chromaticos da luz mediterranea. Uma

brisa tepida parecia trazer da Calabria um diluido e esparso perfume de magnolias, de limoeiros e de bergamotas. Pombeiras brancas riscavam lentamente o azul ethereo ou pousavam, arrulhantes, de leques abertos, nos frisos e nos capiteis da ruína, quando em frente de mim, ao fundo, sobre a linha transversal do prosencio, vi perpassarem, deslisantes, silen-

ciosas, umas atraz das outras, n'um rythmo de baixo relevo attico, n'uma eurhythmia quasi sacerdotal, cinco brancas e esbeltas figurinhas de mulher. Se seriam as musas da Sicilia invocadas por Vergilio, de que eu ti-



1—*Juno e Jupiter*, metope de Selinunte. No Museu Nacional de Palermo
2—A villa Tasca de Palermo. Vista tirada do parque



nha no bolso a Eneida:—*Siceludes Musae, paulo majora canamus?*

Não. Eram simplesmente jovens inglesas, minhas commensaes do hotel Tímico, contiguo ao theatro,—madrugadoras como cotovias, vestidas de branco, com chapéus *canotier*, um livro na mão, e ramos de rozas no peito. Evidentemente collegialas em férias, pastoreadas por uma preceptora erudita, de oculos de ouro e de bandós brancos.

Discipulas de Ruskin, talvez antigas *vainhas de maio* nas festas da primavera na escola de Chelsea, teriam nas suas esguias mãos, de gestos japonezes, segurado allegoricos liricos ou symbolicos girasoes; teriam revestido as lindas tunicas de gyneceu talhadas por Kate Greenaway; teriam posto joias desenhadas por Burne Jones e cinzeladas por

1—Estatua em marmore de Vênus Anadiomena existente no Museu archeologico de Siracusa

2—Baixo relevo existente no Museu de Napoles

3—O Hercules Farnese do Museu de Napoles



1—Um triumpho (baixo relevo do Museu de Nápoles)
2—baixo relevo grego (Museu de Nápoles)



Venus (marmore grego do Museu de Nápoles)

Morris; e, fieis á regra do seu patriarcha, viriam agora prestar o seu dôce culto á Beleza da Sicilia.

Barbaras saxonias apenas, mas n'aquelle logar de sonho, á luz matutina d'aquelle sol nascendo d'entre flôres,—em torno das suas mimosas boccas entreabertas em mystico extase como as dos anjos de Della Robbia ou de Giovanni da Fiesole, não se dedignariam por certo de voejar amorosamente as idyllicas abelhas de Theocrito.

A localisação dos grandes monumentos sicilianos parece authenticar-se na historia com uma estampilha de sangue. Em Taormina correu o de milhares de escravos supplicados por occasião das guerras servis entre os annos 140 e 105 A.C.

As famosas metopes de



nada da amphora de uma nympha, emergem moitas de nenufares e de papyrus, de longas e finas hastas filamentosas, terminando ascensionalmente em grandes plumas, fôr, ondulantes, vaporosas, côr de nuvem.

Para termos noção do que era, fôr dos seus grandes monumen-



Baixo relevo do Museu de Nápoles

tos, a arte mobil da Sicilia durante a colonisação grega e nos primeiros tempos da dominação romana, ha que consultar Cícero, que é por excellencia o *cicerone* da Sicilia.

E' bem conhecido o famoso libello *De Signis* contra o pretôr Verres, que o mesmo Cícero, em uma das suas epistolas, tão vivamente nos retrata, como n'um instantaneo, passeando fastiantemente por Messina, em liteira ostentosa de alto funcionario corrupto, a oito escravos, luxuosamente reclinado sobre rosas de Malta.

Cícero fôr questor na Sicilia, onde vivera e d'onde data muitas das suas noticiosas cartas. O encargo da accusação de Verres levava-o a proceder a um rigoroso inquerito nas galerias e depositos d'arte, que o accusado, n'um largo gesto de diletantismo inteiramente moderno, completamente saqueara cevando a illimitada e incondicional avidex do colleccionador absolutamente o-mpleto.

A verrina *Das Estatuas* tem a authenticidade de um relatório official, e, revida, como eu tive a curiosidade de a reler n'uma tarde de *farniente* sobre o theatro dos acontecimentos, n'um quarto do hotel Trinacria, em Messina, esse documento assume todo o palpitante interesse de uma causa celebre ou de um pamphleto politico dos nossos correntes dias, não menos

corrompidos
nem menos crepusculares
que os do tempo de Cícero.

tres dos templos da acropole de Selinunte, correspondentes ás tres epochas archaicas da arte dórica, conservam-se no museu de Palermo, de que são a joia capital.

A secção plastica d'este museu acha-se em grande parte exposta no grande claustro (*segundo cortile*) do edificio, que é o mais florido e pittoresco recinto d'arte que se pôde vêr. Cobre-o a abobada do céu. Ornamentam-o profusamente antigas palmeiras, bananeiras, cactos, magnolias, roseiras e jasmineiros, circumdando e envolvendo de flôres os pedestaes das estatuas. Engrinaldando a arcaria trepam as mais decorativas e archaicas plantas sarmentosas da flora egypcia. Ao meio da crasta, de uma enorme taça de granito, sobre que corre a agua entor-



Orestes e Electra (colloquio)



Curioso detalhe:

O poder central de Roma mostrava-se em geral extremamente latitudinario e conciliador perante attentados da ordem d'aquelles de que era accusado Verres. O governo romano ignorava completamente por occasião da conquista da Sicilia o valor da arte hellenica. O descaço dos monumentos e a rapina dos objectos d'arte molestava-o tenuissimamente, — o que parece

demonstrar que uma consideravel porção de inamovivel estupidez, abroquelada pela impenetrabilidade esthetica e pela indifferença artistica, é apanagio de todos os governos, qualquer que seja a sua conformação organica. Quer a historia convencer-nos de que, em todos os tempos e em todos os logares, o trafego da politica bestifica os homens.

RAMALHO ORTIGÃO.

(Continúa)



Nota da redacção

A *Illustração Portuguesa* começa hoje a publicação de uma serie de artigos em que o grande escriptor, artista inigualavel da forma, que é Ramalho Ortigão, evoca, com um tão apaixonado colorido e uma tão commovida piedade, as sensações de arte experimentadas durante as suas digressões por essas terras admiraveis e dolorosas do sul da Italia, que a mais pavorosa catastrophe acaba de arruinar e destruir com os seus ricos thesouros de arte.

A importancia do pagamento do seu primoroso lavor litterario, destinou-a generosamente o illustre escriptor para a subscrição aberta em favor das victimas do terremoto.

1—Rio Anapo com vegetação de papyrus
2—Entrada do Hotel Timeo de Taormina, onde esteve Ramalho Ortigão

FIGURAS E FACTOS

A CONFERENCIA DE BAPTISTA COELHO (JOÃO PHOCA) NO SALÃO DA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»

—A primeira conferencia da serie que a *Illustração Portuguesa* resolveu offerer no seu salão de festas realisou-a, no dia 21 de janeiro, o talentoso humorista brasileiro Baptista Coelho, cuja collaboração alegre no *Jornal do Brazil*, sob o pseudonymo de João Phoca, constituiu desde o seu começo um dos mais espontaneos successos da imprensa fluminense, e que ainda hoje mantem a mesma lisongeira popularidade.

Versou essa palestra sobre o suggestivo thema do namoro, descrevendo o espirituoso conferente, em engraçadissimos quadros de flagrante observação caricatural, os processos, scenas, ty-

pos e incidentes de namoro nos diversos bairros e camadas sociaes do Rio de Janeiro, e foi toda ella um verdadeiro encanto de graça leve e franca, para o

selecto auditorio que se reuniu na nossa sala, e que era em grande parte composto de senhoras.

As conferencias litterarias, que são, lá fóra, um habito consagrado já, representam ainda, entre nós, quasi uma novidade, que a *Illustração Portuguesa* se empenha por introduzir nos costumes da nossa vida elegante e mundana. E pode dizer-se

que para iniciar a realisação d'este intento não poderiamos escolher uma mais promettedora estreia.

(Cliché ARNALDO FONSECA)



Realisou-se, no dia 21 do mez findo, a inauguração da succursal do *Século* estabelecida na praça de D. Pedro, e pode dizer-se que a nova instalação recebeu do publico um acolhimento que, apesar de justificado pela indiscutivel vantagem dos seus serviços, pode considerar-se verdadeiramente excepcional. A ultima iniciativa do *Século* foi, pois, coroada do mesmo brilhante exito que sempre tem acompanhado todos os empreendimentos do grande ornal.

(Cliché DE BENOLIEL)

A EXPOSIÇÃO ANNUAL DA ESCOLA DE BELLAS ARTES



1—Cigarra, escultura de Francisco Santos



2—O primeiro premio do concurso - Anunciação, quadro de H. Franco



3—Crepúsculo, escultura de Francisco Santos

4—Paisagem de José Campas

5—Projecto architectonico, de Nogueira Junior





1—Ajax salvo sobre o rochedo,
por J. Ferreira

2—Festa em Pous-Abel, quadro de Arthur
Alves Cardoso

3—Quadro de Frederico Aytres,^o
que recebeu o premio do concurso
Anunciação



As duas cabeças que lúdeiam o grupo
de Ajax salvo sobre o rochedo,
são copias do antigo feitas por F. Franco

(Clichés de BENOLIEL)



O NOVO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS



A estas horas já o presidente Roosevelt encetou os preparativos para a sua mudança da Casa Branca, de que o novo presidente sr. Taft tomará posse no princípio de março, em que começam os quatro annos da sua gerencia.

São grandes as esperanças fundadas na presidencia do candidato do partido republicano, vencedor por uma grande maioria, nas eleições de 3 de novembro, do candidato democratico sr. Bryan. E é natural que assim aconteça, porque o novo presidente dos Estados Unidos é, na realidade, um homem de inquestionavel energia e um trabalhador infatigavel, que deu já sufficientes provas de todas essas qualidades, tanto no cargo delicado e difficil de governador das Filipinas, como no logar de ministro da guerra e das colonias, que abandonou ultimamente, desde que foi reconhecido officialmente como candidato á presidencia da república.

Os quatro annos da administração do sr. Taft não serão, pois, seguramente menos activos e interessantes do que os da presidencia do seu amigo Roosevelt, e de antemão póde ter-se a certeza de que os progressos realisados pela grande republica norte americana durante os ultimos vinte annos adquirirão, sob o impulso de um espirito audacioso e tenaz como é o do novo presidente, um maior e mais rapido incremento ainda. Essa é, de resto, a feição característica e singular da vida americana, que nos surpreende sempre a nós, europeus lentos e timidos, capazes de todas as idéas arrojadas, sem duvida, mas tambem incapazes do esforço e da persistencia necessaria para a sua realisação pratica.



1—O ultimo retrato do sr. William Taft
2—O novo presidente com a sua familia: esposa, filha (miss Helen) e dois fillos,
em um passeio de automovel
(Clichés de CH. DELAUN)

NO SALÃO DA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA UMA SESSÃO DE MUSICA



A MATINEE DE DOMINGO 24 DE JANEIRO EM FAVOR DA OBRA DA INFANCIA

- 1—Mademoiselle Judith
Luizello Fernandes
(Cliché da PHOT. CAMACHO)
- 2—O conferente Baptista Coelho
(Cliché da PHOT. VASQUES)
- 3—D. Candida da Nova Monteiro
Kendall
[PHOT. REUTLINGER]
- Mademoiselle Maria Henriqueta
D'Korth
- 4—Pedro Blanch
(Cliché da PHOT. ACHILLES)
- 5—O distinto amador mr. Sommers
Cocks
(Cliché de BENOLIEL)
- 7—O illustre professor Rey Collaço
[PHOT. REDONDO]



A FESTA ESCOLAR DO INSTITUTO D. AFFONSO — Realisou-se, no domingo 24 do mez findo, a sessão solenne annual da distribuição de premios ás alumnas do Instituto D. Affonso, o magnifico estabelecimento de educação feminina tão merecidamente conhecido e elogiado.

Assistiram á cerimonia sua magestade el-rei e sua alteza o sr. infante D. Affonso, que percorreram, em seguida, todas as dependencias do edificio, que correspondem, pela sua admiravel disposição e meticolosa hygiene, a todas as exigencias dos collegios modernos.

(Cliché de BENOLIEU)



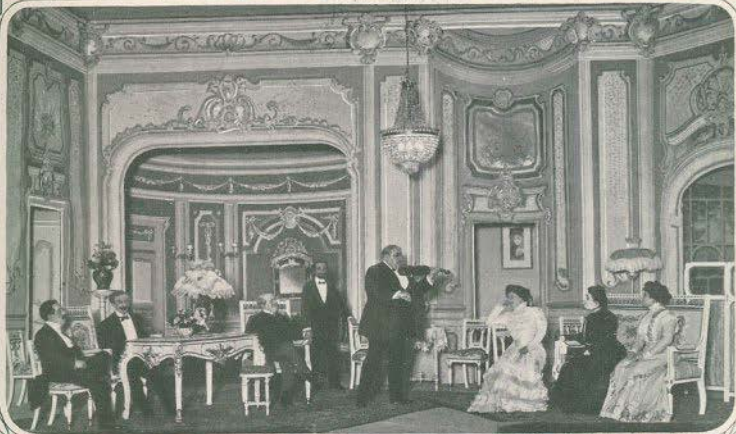
1—Retrato do escultor portuense Romão Junior, auctor do monumento

2—Maquette do monumento que vai ser erigido na Povoia de Varzim ao Cego do Maio

3—O pescador José Rodrigues Maio, o Cego do Maio, cavalleiro da Torre Espada, o heroico patrão do salva-vidas da Povoia de Varzim, que arrancou uma centena de vidas ao mar

(Cliché de AVELINO BARROS)





O CHÁ DAS CINCO

COMEDIA EM 3 ACTOS,
DE AUGUSTO DE CASTRO,
REPRESENTADA
PELA PRIMEIRA VEZ, NO
THEATRO D. AMELIA, NA
NOITE DE 14 DE JANEIRO



Quinze dias passados sobre uma primeira representação, a critica pôde exercer-se, sem suspeitas de parcialidade, com a mais serena reflexão, n'este circumscripção meio onde todas as vaidades e todas as ambições se acovelam, por completo liberta dos receios escrupulosos de prejudicar o publico, o auctor ou a empresa.

Quinze dias sobre uma peça, n'uma pequena cidade como Lisboa, sem população fluctuante, são quasi uma eternidade. Em quinze dias, no theatro D. Amelia, uma peça, seja ella uma obra-prima, gasta-se como o diamante sob o esmeril do lapidador. Não é pois a pretensão tardia de intervir n'um pleito, que sempre se derime entre o auctor e o publico, que hoje decide a *Illustração Portugueza* a archivar nas suas paginas a re-

presentação da nova comedia do dramaturgo aclamado do *Amor á antiga*. Augusto de Castro tem, no theatro, o seu nome feito. Ninguém mais do que elle, na moderna geração de homens de letras, trouxe para a scena, depois de Julio Dantas, uma capacidade authentica de escriptor theatral. As suas obras animam-as uma vivacidade em que se reflecte, sem nada perder dos seus expressivos cambiantes, um talento de observador sagacissimo, e onde palpita esse instincto do theatro, que surpreheende todos os segredos de technica e constitue a arte suprema do dramaturgo.

Quando, ha quatro annos, Augusto de Castro fez representar no D. Maria a sua primeira peça, facil foi para os do officio vaticinar que o debutante audacioso seria, em breve, um competidor. Mas o que poucos previram foi a rapidez fulminante com que elle ia arrebatat a decisiva victoria, n'aquelle mesmo palco, alguns mezes depois da sua estreia. A representação do *Amor á ar-*

1—Primeiro acto: Scena I

2—Dr. Augusto de Castro



Segundo acto:

Scena I

tiga collocou, sem contestações, o seu actor na primeira linha dos nossos dramaturgos. Augusto de Castro não teve, pôde dizer-se, um tirocinio para a celebridade. Consagraram-no como um mestre ao terçar das primeiras armas. Chegou, viu e venceu.

A espontaneidade do seu talento e o brilho da sua obra justificavam por completo esse triumpho rapidissimo, obtido quasi de surpresa. Mas a fortuna sempre se paga caro. Os applausos d'essa recita memoravel do *Amor á antiga* contrahiam a Augusto de Castro uma divida temerosa para com os invejosos da sua victoria e até para com esse mesmo publico que lóra o docil trampolim do seu salto. O dramaturgo poderia ter lançado mão, n'esse lance, de um expediente já, como elle, consagrado pelo successo: fugir aos confrontos, derivando transitoriamente para outro genero de theatro. O estratagemma não se adequava, porém, ao temperamento combativo, espontaneo e audacioso do escriptor; e depois de uma comedia de observação, outra comedia, temperada com a mesma graça satyrica, saiu, esfuante de espirito, agitada de movimentos, da sua penna de ironista. Essa nova comedia, escripta de um jacto, chamou-se *Chá das cinco*, e filia-se, mais declaradamente, n'esse genero archi-difficil de theatro a que pertence, como

obra prima e modelo antiquado, a *Sociedade onde a gente se aborrece*, de Pailleuron. Nos tres actos da sua peça, Augusto de Castro, com uma sciencia de *metier* que acabou de pôr em evidencia os seus admiraveis instinctos de dramaturgo e os recursos de um technico magistral, improvisara uma debil acção para articular uma satyra hilariante ás elegantes burguezas. Perante as expectativas de um publico resolvido a resistir e a difficultar-lhe a victoria, elle exhibia, temerariamente, uma peça de combate! E, por conseguinte, n'essa noite da *première* — combateu-se. Combate cheio de graciosidade, com todos os expedientes do espirito e todas as subtilidades da ironia. Só quem não dispuzesse de sensibilidade poderia permanecer indifferente ás emoções d'esse combate que o talento de um escriptor offerecia a uma sala sisuda como um conclave de mil juizes.

Essa noite podia ter immobilizado Augusto de Castro na mesma situação em que o deixára o successo do *Amor á antiga*. Mas o *Chá das cinco* fel-o avançar até á decisiva consagração que lhe faltava: a do debate. O exito do *Amor á antiga* fôra demasiado facil. Não lh'o discutiram. Tivera mais o aspecto de uma concessão que de uma conquista. D'esta vez, Augusto de

Castro experimentou a sensação salutar da lucta. Jogou sem partido, o que, em littera-



Segundo acto: Scena VI

tura, é a prerogativa maxima a que pôde aspirar um combatente. Os incredulos por natureza podiam, ainda ha pouco tempo, duvidar da veracidade de um merito que a opinião proclamára com as precipitações da surpresa. Hoje, Augusto de Castro, depois da sua replica brilhante aos ultimos incredulos, só tem uma tarefa a cumprir: escrever a sua peça do anno proximo. É um voto temos nós a fazer: que encontre, para a ensaiar, o mesmo mestre eximio de agora; para a marcar, o mesmo competentissimo artista em quem d'esta vez recahiu esse trabalho; para a representar, o mesmo grupo brilhante de actores que tão bem desempenharam a sua comedia d'este anno; e, finalmente, para a pôr em scena, o mesmo grande empresario que tão fidaigamente poz agora o seu theatro á disposição do seu talento.



Damos em seguida a distribuição do *Chô das Cinco*:

A condessa
Angela Pinto
 Maria Helena
Emilia d'Oliveira
 D. Lucia
Cecilia Neves
 D. Gloria Botelho
Josepha d'Oliveira
 Maria da Graca (filha da condessa)
Isaura de Sousa
 Clotilde (filha de D. Lucia)
Emilia Sarmiento
Julião Botelho
Augusto Rosa
 Manuel
Alexandre Azevedo
 Jorge
Carlos Oliveira
 O conde
Antonio Pinheiro
 O barão
Carlos Santos
 O conselheiro
Chaby Pinheiro
 D. Rodrigo da Silveira
Henrique Alves
 Gaspar Ruella (o Gasparão)
Raphael Marques
 Dosini, italiano, professor de canto
Antonio Sarmiento
 Uma creada
Alexandrina Quadrio
 Um creado
Manuel Pina



1—Segundo acto: Scena VII
 2 — Terceiro acto: Scena VIII

(Clichés de MONJEL)

A OBRA DE SILVA PORTO



Aquelles mesmos que são menos versados em coisas de arte não ignoram que Silva Porto foi o nosso grande paizagista, e, portanto, um dos maiores pintores que temos tido n'um paiz de tão maravilhosas paizagens como é, de norte a sul, este lindo Portugal. A sua obra é, por isso, mesmo uma das mais bellas e das mais amadas, das que mais fundo impressionaram o sentimento nacional e conse-



proprios aqui o escrevemos já. Nas suas amoráveis paizagens da Estremadura e do Minho, todas cheias de uma candura entrecida, evocadora de tanta coisa que é uma exhalção espiritual da natureza para os que verdadeiramente a amam e comprehendem, n'esse pintor de estranha sensibilidade, e nas suas telas de concepção ideal sem prejuizo de reprodução fiel da paizagem rural, o que havia de certo mais nobre e glorioso era a sua feição absolutamente pessoal, o grande merecimento que o artista possuia

1—O retrato de Silva Porto
desenhado por Condeixa

2—*Un petit malheur*

3—*Conduzindo o rebanho*, quadro
pertencente ao sr. conde
do Amesal

4—*Moinho do rio Vizella*
quadro pertencente ao sr. conde
do Amesal

quentemente fixaram n'elle uma recordação mais perduravel.

Além d'isso, Silva Porto constituiu ainda, sem possibilidade de discussão, uma das individualidades mais caracteristicas da arte portugueza. Mais de uma vez tem isto sido affirmado, e nós



Não admira, pois, que a recente exposição, realisada no Porto por occasião da visita regia, da obra pictural do eminente artista constituisse, como constituiu, um verdadeiro successo. Conseguiu-se juntar uma parte importante dos quadros do illustre mestre e organisar um conjunto sufficiente para dar uma idéa do seu superior talento creador e das suas exceptionaes faculdades technicas, do seu admiravel tempera-



1—*Capuz*, marinha pertencente á Academia Portuense de Bellas Artes. 2—*Os camponeses*, quadro pertencente ao sr. Leopoldo Mourão. 3—*Na arrabana*, quadro pertencente ao sr. conde do Ameal

de não se parecer com ninguém, o grande valor de originalidade propria que a sua obra apresentava.

Tal é a dupla circumstancia que concorre para que o culto pelo grande pintor se conserve vivo e inquebrantavel na familia dos artistas e no circulo restricto dos amadores, e que o seu nome mantenha para o grande publico um brilhante prestigio, que o tempo, constante cumplice da morte na sua obra ingrata de esquecimento, ainda não conseguiu desvanecer.

mento e do seu profundo saber de execução. E raramente poderá conseguir-se, existindo tão dispersos os quadros do magnífico paizagista, reunir uma serie tão numerosa, uma collecção tão valiosa e notavel, para o estudo da obra de Silva Porto.

A *Illustração Portuguesa*, a quem todos os assumptos e questões artisticas interessam predominantemente, como os nossos leitores sabem, aproveitou o en-



1. *Margens do Oise em Auvers*, quadro pertencente á Academia Portuense de Bellas Artes. 2. *De volta para a arribana*, quadro pertencente ao sr. Edaardo Soares d'Albergaria. 3. *Costumes de Císter*, quadro pertencente á Academia Portuense de Bellas Artes. 4. *A' volta do mercado*, quadro pertencente ao sr. Anjos.



sejo da exposição
portuense para
fazer photogra-
phar alguns dos
quadros do in-
signe mestre,
cujas reproduc-
ções insere hoje.
Algumas das te-
las reproduzidas
pertencem, con-
forme mostram as
respectivas indi-
cações, á collec-
ção da Casa Real



ou a galerias
particulares, não
sendo por isso
facil de ser vis-
tas pelos que o
desejem. Crê-
mos, por esse
motivo, prestar
um bom serviço
com a sua pu-
blicação.

(Clichés de CARLOS
FERREIRA CARDOSO)

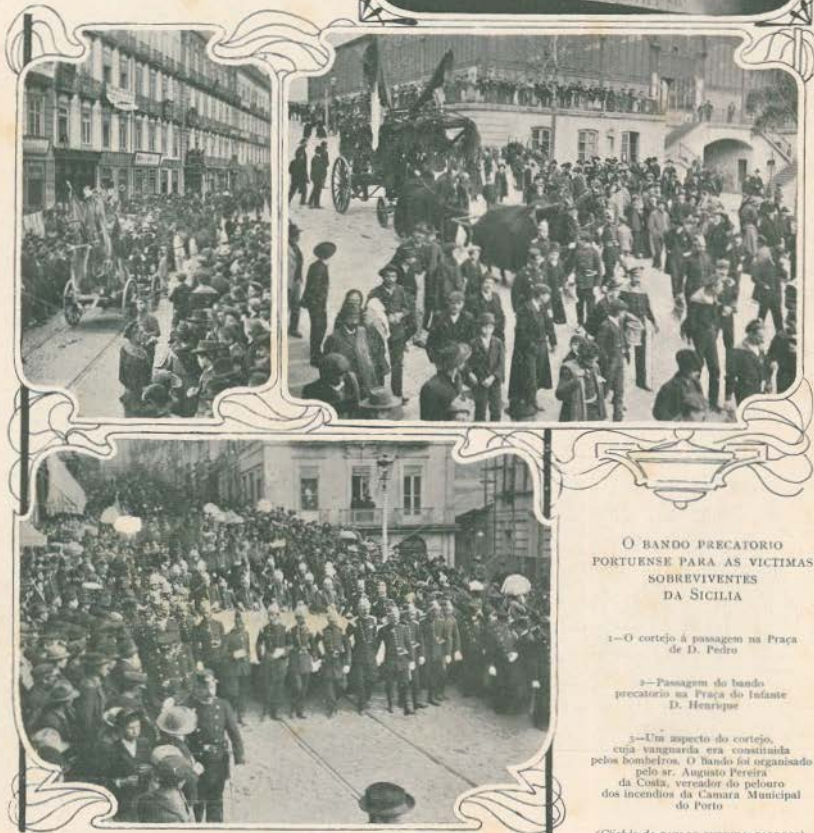


1—Salmeia, quadro pertencente á Casa Real. 2—Margens do Oise, quadro pertencente á Academia
Portuense de Bellas Artes. 3—A porta da venda, quadro pertencente á Casa Real
4—Macleiras em flor, o ultimo trabalho de Silva Porto, que ficou por concluir, e pertence
ao sr. conde do Amal

FIGURAS E FACTOS

UMA NOVA ESCULTORA — A alumna distinctíssima que se chama D. Ada da Cunha revelou na prova final do seu 5.º anno na Academia de Bellas-Artes do Porto taes qualidades de imaginação e de composição que podemos affirmar que Portugal possue hoje uma escultora do mais brilhante futuro. A photographia junta é do gesso A Infancia de Jesus — trabalho feito sobre o thema imposto na prova final dos alumnos do 5.º e ultimo anno. Este complexo assumpto, soube o a artista interpretar na sua mais alta significação pondo n'elle o sentido religioso que o thema comporta, e realisar com perfeita mestria de composição, de simplicidade e de graça communicativa.

(Cliché de CARLOS FERREIRA CARDOSO)



O BANDO PRECATORIO PORTUENSE PARA AS VICTIMAS SOBREVIVENTES DA SICILIA

1.—O cortejo á passagem na Praça de D. Pedro

2.—Passagem do bando precatorio na Praça do Infante D. Henrique

3.—Um aspecto do cortejo, cuja vanguarda era constituída pelos bombeiros. O Bando foi organizado pelo sr. Augusto Pereira da Costa, vereador do pelouro dos incendios da Camara Municipal do Porto

(Clichés de CARLOS FERREIRA CARDOSO)